

O que há de novo sobre o sudário?

Muito foi e é falado sobre a autenticidade do Santo Sudário, ouvimos até afirmações supostamente técnicas que para negá-lo, propositadamente, são omitidas informações ou estas são simplificadas, ou ainda, estas são falseadas.

Há muita dúvida sim, até a própria Igreja acompanha continua a pesquisa-lo. Ouvi de um religioso, cujo o nome não será citado, que se diz estudioso a afirmação de que até agora o Sudário é uma obra da Idade Média, portanto não é a verdadeira mortalha de Jesus. Essa pessoa destacou e supervalorizou o teste de carbono 14 e omitiu que a amostra foi coletada de local errado, uma beirada onde o tecido já havia passado por um trabalho de recuperação entre os séculos 14 e 16. Outra omissão é o fato que ao desdobrar ou desenrolar o manto as pessoas o seguravam pelas beiradas, com toda certeza sem luvas, no máximo lavavam as mãos adequadamente.

O uso de luvas de tecido, para proteger documentos, só passou a ser utilizada por volta do século XVI, antes não se tem registro, portanto a possibilidade de contaminação do tecido do Sudário era real. Vale lembrar que a luva do tipo cirúrgico de látex, só veio a ser produzida no final do século XIX.

Na realidade houve uma grande sequência de erros por parte dos coletores e dos que acompanhavam o trabalho. A amostra deveria ser retirada de uma área mais central. Esta área não poderia estar contaminada pelo fogo ou que provocasse dano à imagem.

Todo cristão que acompanha essa “guerra” de informações e desinformações precisa ser bem crítico para não ser enganado ou induzido ao erro no que se refere à autenticidade do manto que cobriu Jesus. É preciso verificar a fonte e sua credibilidade antes de mais nada.

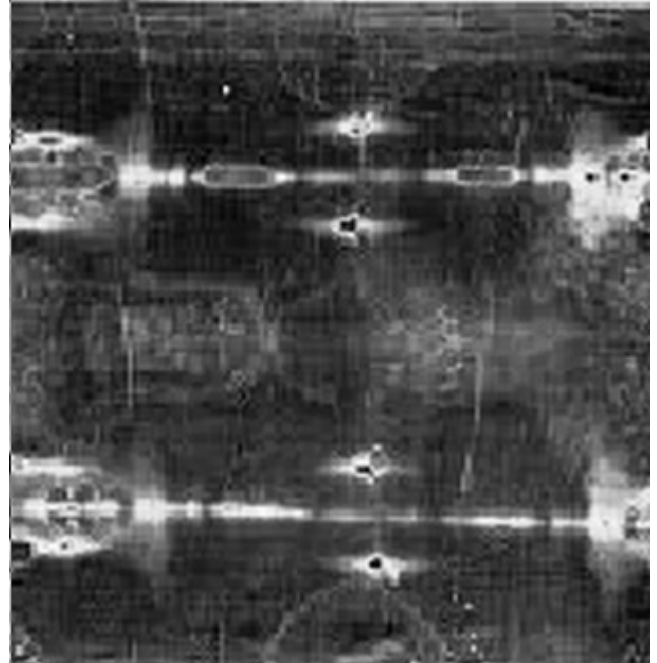
O erro não está no teste de carbono 14, mas na coleta do material para análise.

A imagem

A imagem no Sudário não pode ser uma pintura, pois é muito tênue e apenas a distância de três metros é possível visualizá-la.

Nenhum artista poderia fazê-la, uma vez que seria necessário um pincel com mais de três metros e lentes para que pudesse produzir todas as nuances contidas nas imagens.

É preciso entender que para a fabricação de uma tinta basicamente é necessário um aglutinante e pigmentos. Por mais espessa que ela fosse essa infiltraria na fibras e nos espaços entre elas.



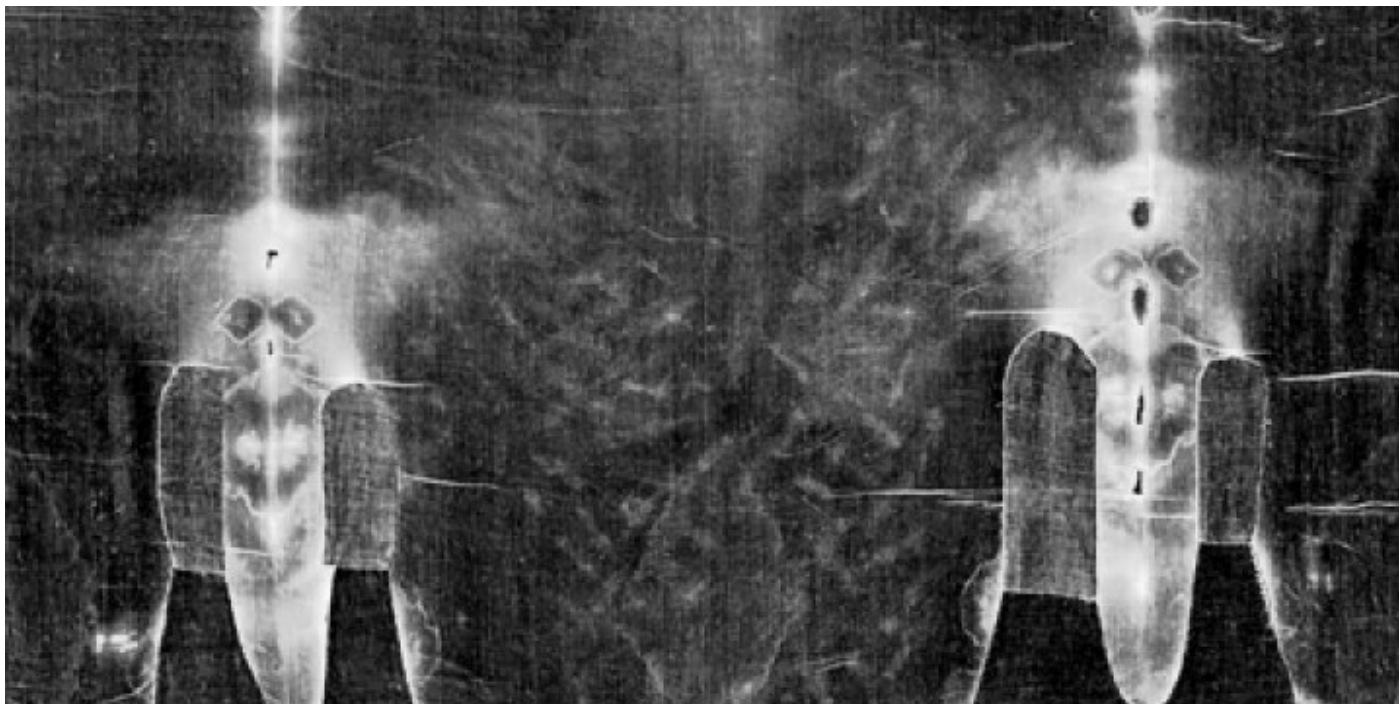
A imagem II

Quando o tecido é dobrado sobrepondo as costas e a frente vê-se uma grande precisão simétrica entre as partes, por exemplo, as linhas das costas se encaixam perfeitamente sobre as linhas do tórax, os furos dos cravos nos pés também estão alinhados indicando que foram pregados um sobre o outro.

Será que um artista do século XIV, plena Idade Média tinha conhecimento anatómico suficiente para produzir essa obra.

Na época não se conhecia a imagem negativa, o Sudário é um negativo.

Marcas do martírio



Antes de iniciarmos a análise da imagem acima, a costa marcada por chibatadas, é preciso entender que o Santo Sudário é uma imagem negativa e muito tênue. Para que seja possível melhorar a qualidade é preciso convertê-la para positivo.

A primeira imagem fotográfica do Sudário foi feita pelo fotógrafo Secondo Pia, em 1898, sobre uma placa de vidro coberta por produto químico fotossensível. Quando Secondo fez a fotografia do rosto do Sudário não tinha ideia do resultado, pois a iluminação era precária e precisou de longo tempo de exposição. Em seu laboratório, logo após terminar a revelação, tomou um grande susto ao ver uma imagem positiva. Por pouco ele não deixa cair a placa de vidro contendo a imagem do Sudário.

Como alguém poderia tê-lo pintado, como afirmam os descrentes, em pleno século XIV, Idade Média, ou antes, como propõem o teste de carbono 14, se nem mesmo tinham noção do positivo e do negativo? A fotografia foi descoberta aproximadamente 500 anos depois. A tipografia foi inventada por Johannes Gutenberg só no final do século XV, por curiosidade uma informação importante: a primeira impressão tipográfica foi uma Bíblia.

Todas essas informações se juntam às marcas deixadas pelas chicotadas ou chibatadas dadas pelos soldados romanos nas costas de Jesus, como é descrito na Bíblia, durante o flagelo. As marcas correspondem exatamente a chibatadas romanas, inclusive com algumas achadas em pesquisas arqueológicas que comprovam sua existência.

São tantas as marcas das chibatadas que é possível comprovar mais de trinta, como foi determinado por Pilatos. Estas marcas também são uma prova de que um homem da Idade Média não teria como ter certeza do formato das chibatadas usadas pelos romanos na época de Jesus,

As chibatadas deixaram feridas que sangraram muito. Peritos em investigação criminal já confirmaram que aquelas feridas são reais e não pintura. Ainda segundo essas especialistas, o sangue destas feridas já estavam coagulados quando da Ressurreição, diferentemente do sangue visto na testa oriundos das feridas dos espinhos e do sangue e água proveniente do ferimento provocado provavelmente pela lança do soldado romano.

Essas marcas ou feridas também são encontradas na região do quadril e até das pernas. Mais uma vez cabe uma pergunta: como um pintor daquela época poderia pintar um ferimento com tanta precisão se o conhecimento anatômico ainda era bem superficial?

E o verso da mortalha?

No verso do tecido não é possível visualizar a imagem, mas sim as manchas de sangue. Por que isso ocorre? As marcas deixadas no tecido durante a ressurreição são superficiais, ou seja, a radiação atingiu as fibras do tecido apenas superficialmente, portanto não o transpassaram. Mais uma vez é confirmado que não é uma pintura! A tinta encharcaria as fibras.

Nenhum cientista conseguiu uma explicação para este fenômeno, nem mesmo o que diz ter reproduzido o Sudário. Na realidade ele não conseguiu nada, pois se comparadas as imagens é possível perceber as diferenças. O que ele não divulgou é que a tinta que usou empreguinho as fibras, diferentemente do que ocorreu com o Sudário, este recebeu irradiação luminosa.

Entender este fenômeno (*a radiação emanada pelo corpo de Jesus*) facilita entender o Sudário

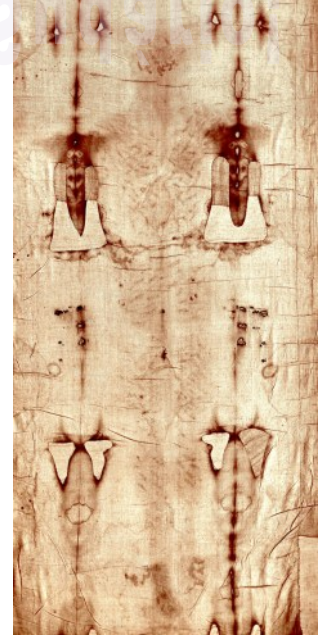
As costas no Sudário!

A água usada para apagar o fogo e salvar o Sudário no século XVI danificou algumas partes do tecido, como vemos ao lado da imagem do corpo as grandes áreas com remendos.

A costa do Sudário nos revela mais sangue, as feridas provocadas pelo flagelo, mesmo no quadril e pernas. Evidências mais do que necessárias para confirmar a originalidade do tecido. As feridas produzidas pelas duas chibatas são sempre um conjunto de três em razão da forma desse instrumento de tortura.

Jesus e outros que foram vítimas dos romanos devem ter sofrido muito, pois a dor provocada por esse tipo de chibata é muito grande, pode até levar à morte.

Jesus não só suportou, com dor, e ainda teve que carregar a sua cruz. É possível ver o furo do cravo na sola do pé.



O Sudário (costas).

As duas moedas sobre os olhos...

As duas moedas que cobrem os olhos de Jesus são quase que imperceptíveis no Sudário. Elas só foram descobertas com o uso de lentes potentes, mesmo assim deixam muitas pessoas em dúvida.

A imagem da moeda ao lado é idêntica a que cobre os olhos e são da época de Herodes sem dúvida nenhuma. Algumas destas moedas existem até os nossos dias.



Mais uma prova da autenticidade do Sudário. Você pode dizer que não consegue vê-las nas imagens que são disponibilizadas na internet porque essas são de baixa qualidade e na realidade é necessária uma imagem do tecido no mesmo tamanho do original para que com lupas potentes possa percebê-las. Imagem obtida na internet de baixa resolução, no formato gif.

E os médicos patologistas?

Vários médicos patologistas consultados pelos especialistas que pesquisam o Sudário, atestam que as marcas de inchaço no rosto da imagem correspondem a agressão sofrida por Jesus. Alguns desses especialistas não dizem que é de Jesus, mas sim do homem que teve a imagem gravada no tecido.

Os incêndios

O Sudário escapou de dois incêndios e não foi destruído! Ficaram marcas laterais e não sobre o corpo gravado no manto da mortalha.

A água usada para apagar o fogo, no primeiro incêndio, deixou sua marca, mas também não o danificou seriamente. Um milagre?

Explicação!

Nenhum cientista sabe explicar como a imagem surgiu no tecido, apenas sabe-se que provavelmente por irradiação luminosa. É bem provável que foi liberado do corpo de Jesus Cristo uma grande quantidade de energia (*radiação*) e como estava coberto pelo tecido da mortalha, "*queimou-o*", como acontece com o filme fotográfico quando exposto à luz, deixando nele gravada a imagem do corpo.

Como a irradiação luminosa é energia ela não "*encharca*" as fibras que formam a trama do tecido. A queima é feita do ponto atingido pela radiação para dentro.

Por essa razão que olhando por trás do manto nada é visto.

Secondo Pia

Secondo Pia é o fotógrafo que teve o privilégio de ser o primeiro a fotografar o Sudário e descobrir a imagem do rosto de Jesus Cristo quando revelou a chapa de vidro. (*não era filme*)



Muitos acharam que aquela imagem era uma montagem, mas com o tempo foram mudando de opinião e, para variar, não tinham uma explicação plausível.

Curiosidade

O Sudário, ao contrário do que muita gente pensa, tinha um dono guardador, que não a Igreja. Essas famílias o guardaram até que foi entregue à guarda da Igreja. Viajou do Oriente até a Itália por dois mil anos. Este é um dos mistérios de Deus.

As marcas do travessão da Cruz

Jesus Cristo carregou a cruz! Na realidade Ele carregou o travessão horizontal (*de madeira bruta*) da cruz. Isso é visível na imagem das costas na altura dos ombros.

As marcas do travessão aparecem na parte de trás dos ombros, nas costas, onde é possível perceber a pele ferida. Essas feridas e o inchaço confirmam que Jesus não carregou a cruz inteira, mas apenas esse travessão. Vale destacar que não é diminuído o sofrimento. Um travessão de madeira bruta pesa muito e para alguém que já não tinha forças, quase sem sangue, o peso é bem maior.

Quando Jesus caiu feriu não apenas as mãos, mas o rosto e os joelhos. Tudo está no Sudário.

Prof. Roberto Gallino

O Prof. Roberto é astrofísico nuclear, da Universidade de Torino, na Itália. Ele afirma que foi uma vergonha a maneira como foi coletada a amostra para o teste de carbono 14.

Para ele seria necessário em primeiro lugar ser feito uma análise microscópica para verificar se não havia remendos, restauração ou ainda contaminação do tecido. O que não foi feito.

O teste de carbono 14 não estava errado, mas sim a amostra é que não era a ideal, pois estava contaminada por fios do século XVI.

Prof. Alan Adler

Como microbiologista, o prof. Alan, da Western Connecticut University, afirmou que o procedimento de coleta da amostra foi completamente equivocado, pois coletaram uma única amostra e a distribuíram por três laboratórios.

Essa afirmação, mais uma vez, nos confirma que houve muita pressa na coleta da amostra, má fé ou inexperiência, apesar da maioria dos cientistas serem doutores.

Ninguém é perfeito, o erro é inerente ao ser humano. Porém?.

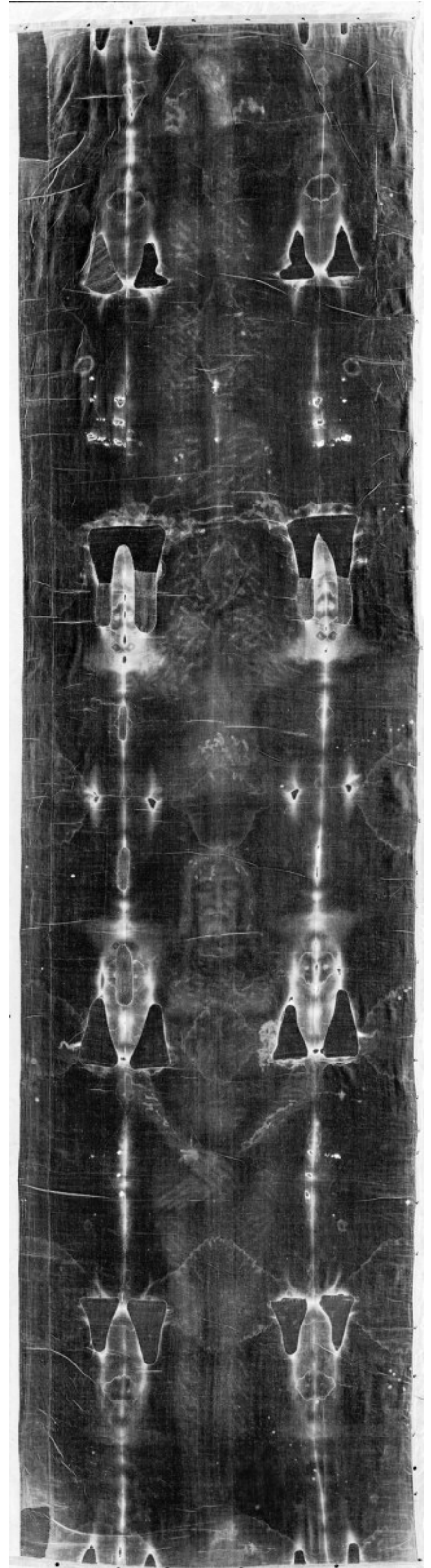
O flagelo

Os dois torturadores que açoitaram Jesus bateram com violência e deram mais de cento e vinte chibatadas. A punição determinada por Pilatos era de trinta chibatadas, mas era comum os soldados romanos não obedecerem e ultraparem o limite.

Essas marcas deixadas pela chibata estão por todo corpo e todas são confirmadas por especialistas que analisaram o Sudário, inclusive por peritos legistas convidados por esses especialistas para que pudessem ter uma opinião mais abalizada.

Sabe-se que eram dois os soldados pelas diferentes posições das marcas. Outra informação é a de que a agressão era sincronizada, portanto enquanto um soldado batia o outro aguardava a vez, aumentando a agressividade e a violência. Não há grandes divergências quanto as chibatadas entre os especialistas e nem mesmo sobre a forma desta ferramenta de tortura.

A dor sentida por Jesus foi muito grande!



Dois Papas rezaram diante do Sudário

Dois Papas, João Paulo II e o atual Bento XVI rezaram diante do Santo Sudário. Essa atitude demonstra que eles sabem que o sudário é a mortalha de Jesus. Muitas pessoas afirmam ter recebido uma graça diante do Sudário em exposição.